

MULHERES PIONEIRAS DO OESTE AMERICANO (Friedrich Gerstäcker)

Tradução e prólogo de Cláudia Fernanda Pavan. Revisão de tradução: Paula Giacobbo. Revisão final: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard.

Friedrich Gerstäcker foi um homem inquieto: nasceu na Alemanha, em Hamburgo, em 1816, e dedicou praticamente toda a sua vida a explorar as colônias do Novo Mundo. Empreendeu sua primeira viagem à América do Norte aos 21 anos e, durante seis anos, atravessou o território norte-americano, conhecendo e registrando de perto a vida dos pioneiros e dos imigrantes. Gerstäcker utilizou sua escrita como um instrumento para colaborar na divulgação de informações sobre a vida dessas pessoas, suas condições de sobrevivência e também sobre as questões envolvidas no processo de imigração alemã para os países do Novo Mundo.

Embora Gerstäcker seja praticamente desconhecido nos dias atuais, ele foi um dos escritores mais bem-sucedidos do seu tempo e uma das primeiras celebridades literárias da Alemanha, inspirando outros escritores, como Karl May. A coletânea de suas obras compreende mais de quarenta volumes, contudo, só muito recentemente uma dessas obras foi traduzida para o português e publicada no Brasil: o livro *A Colônia – Cenas da Vida no Brasil*, publicado em 2016.

Apesar de se tratar de um homem viajado, que se expunha com verdadeiro entusiasmo a diferentes pontos de vista e modos de viver, Gerstäcker era um homem do século XIX, e essa condição se reflete, no texto apresentado aqui, em uma postura, por vezes, condescendente e até paternalista. Mesmo assim, trata-se de um texto singular por destacar a vida e o envolvimento da mulher nas questões daquele tempo; por apontar seus sofrimentos, seus medos, mas também seu vigor e sua disposição para enfrentar as inclemências a que estava sujeita.

Em uma época em que a existência legal da mulher como sujeito independente era praticamente nula, e a mulher era considerada como propriedade do marido, Gerstäcker lembra, mesmo que brevemente, as realizações dessas mulheres. No oeste americano, os movimentos pelos direitos femininos foram intensos, como no caso da aprovação das leis que asseguravam o direito à propriedade pessoal às mulheres casadas (*Married Women's Property Laws*), aprovadas no estado do Arkansas em 1835. De acordo com essas leis, as mulheres passavam a ter o controle dos seus bens e de sua herança e não precisavam mais conformar essas questões ao controle dos maridos.

O texto de Gerstäcker traduzido aqui, “Mulheres pioneiras do oeste americano”, foi publicado pela primeira vez na revista *Ausland*, em 1845 – dez anos após a aprovação das referidas leis. Lembrando ainda que, apesar de sua extensa produção literária, esta é apenas a segunda tradução de um texto de Friedrich Gerstäcker a ser publicada no Brasil.

Mulheres pioneiras do oeste americano

Tradução de *Die Frauen in den "Backwoods" oder Wäldern des Westens*. Para esta tradução, considerou-se como fonte tanto o texto em alemão, disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=3olEAAAACAAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&pg=GBS.PA993>>, quanto o texto em inglês, disponível em: <http://www.colonialsense.com/Regional_History/Journals/Gerst*auml*cker/Pioneer_Women.php>. Acessos em: 21 mar. 2018.

Ouvimos falar muitas coisas sobre os homens que desbravaram o oeste americano, mas muito pouco sobre as mulheres. No entanto, elas compartilham a solidão da mata com seus companheiros e são expostas, na verdade, a dificuldades e privações maiores do que os homens.

O pioneiro, acostumado ao mau tempo, adentra o território selvagem com arma e machado e estabelece um lar em lugares onde ninguém jamais colocou os pés. Para sua esposa, frágil e delicada, são tempos de provação. Em uma cabana rústica feita de troncos de árvores brutos e ásperos, ao abrigo do vento e da chuva apenas em três lados, a vida que essa mulher leva acabaria com o corpo até do mais saudável dos europeus. Ela não visita nenhum vizinho, pois o mais próximo encontra-se a meio dia de viagem. Se a doença a impede de sair da cama, não há um médico que possa acudi-la.

Quando os víveres se esgotam e o milho ainda não pode ser colhido, o pioneiro sai, à noite, com sua arma pendurada no ombro e tenta abater um animal qualquer para amenizar a fome de sua família. Enquanto isso, solitária e desprotegida, a esposa deita na cama dura e fica ali, escutando o uivo triste dos lobos e o rugido insistente de uma pantera solitária. Sentindo a proximidade da presa, os animais espreitam, sorrateiros, o abrigo, mas o medo impede que se aproximem. Intrépida, a mãe cuida dos pequenos inquietos, que se juntam ao redor dela, e os conforta, embora ela mesma precise de conforto.

A “baixela”, se é que os poucos utensílios domésticos podem ser chamados assim, é logo lavada, e ela, então, começa a fiar em sua roca com mãos diligentes. Quando passar a época de arar e cultivar o campo e chegarem as longas noites de inverno, o pioneiro construirá para ela um tear. Quando os dias voltarem a esquentar, a dedicada dona de casa tecerá os fios que preparou no ano anterior, fazendo roupas para todos os membros do pequeno círculo familiar.

Há ainda muitas outras coisas com as quais ela tem de se preocupar: cuidar do pequeno jardim; criar galinhas e porcos; fazer sabão para poder lavar as roupas; e a vaca, trazida há pouco por seu marido, exige muita atenção, pois agora há leite. Ela, então, pode fazer manteiga — muito pouca, na verdade, já que é extremamente cansativo agitar o leite em uma garrafa até que a manteiga se forme, pois não há nenhum outro recipiente adequado para esse trabalho.

Ela toma providências para se defender, caso as feras, que se aproximam cada vez mais, ousem atacar. Seu marido sai, levando a única arma, mas a mulher posiciona o machado junto à entrada e mantém o fogo aceso e bem vivo. Com imensa alegria, cumprimenta o

amanhecer que começa a se alastrar, trazendo o marido que retorna com a caça e começa a trabalhar vigorosamente. A cada dia que passa, o homem faz melhoras na tranquila morada no meio da mata, tornando-a mais segura e habitável.

Enquanto isso, a esposa cuida de suas ocupações e tarefas diárias. Pela manhã, bem cedo, prepara o desjejum para a família: a farinha de milho grossa é misturada com água e sal em um recipiente de madeira até formar uma massa firme, depois é espalhada sobre uma tampa de ferro e colocada sobre as brasas incandescentes. Ela coloca os grãos de café torrados no copo de caça de seu marido e esmaga-os com o cabo de seu *tomahawk*. Depois de encher o copo de latão com água, coloca-o sobre as brasas até que a água ferva e se transforme em café. Quando o pão está dourado, ela corta fatias finas de bacon e de carne de veado sobre a panela de ferro. Coloca, então, um pouco de água fria no café fervente para deixá-lo mais leve, tira-o rapidamente do fogo e chama a família para uma refeição simples.

As filhas e os filhos crescem, os rebanhos aumentam, as terras aráveis se expandem e tudo que é necessário para a vida amplia-se cada vez mais. A poucos quilômetros dali, sobe a fumaça agradável das casas vizinhas, estradas cruzam a mata em todas as direções, e o pioneiro se transforma em um respeitável fazendeiro. Esse desenvolvimento todo faz com que suas tarefas se tornem mais fáceis, pois os vizinhos se ajudam mutuamente. Quando toras imensas precisam ser roladas e reunidas para que queimem com mais facilidade, quando o fazendeiro precisa descascar o milho para que não apodreça muito rápido, quando uma casa precisa ser erguida e braços fortes são necessários, ele envia um convite amistoso para seus vizinhos, tanto para os homens quanto para as mulheres.

Enquanto os homens trabalham nos campos, as mulheres e as meninas se organizam ao redor de uma enorme colcha de retalhos e a costuram com prazer. Só interrompem o trabalho para ajudar os homens a debulhar o milho. Quando terminam de costurar, a colcha é içada até quase alcançar as vigas do telhado. Algumas das mulheres começam a cozinhar, enquanto outras preparam uma vigorosa bebida, feita com whisky, água, açúcar, especiarias e manteiga. Mais tarde, homens e mulheres se juntam em uma dança contagiante. É certo que não sabem nada de nossas valsas e giros alemães, mas usam a ponta dos pés e os calcanhares em danças folclóricas típicas de origem inglesa e irlandesa, como *jigs*, *hornpipes* e *reels*, de forma extremamente ágil – tão ágil, que soa quase como se estivessem tocando castanholas. Isso não os cansa e, muito frequentemente, o sol nasce e se põe uma vez mais, antes que esses foliões se despeçam. Muitas vezes, eles alternam as danças com jogos, embora sempre prefiram as danças.

As mulheres americanas solteiras raramente têm a oportunidade de serem admiradas por outras pessoas. Por isso, aproveitam ao máximo cada oportunidade que têm para mostrar seus enfeites e suas melhores roupas. Nessas danças, uma moça precisa ser muito pobre para não trocar de roupa ao menos duas vezes; as mais abastadas trocam cinco ou até seis vezes sem, contudo, mudar o penteado, que é sempre bem simples.

A propósito, elas não precisam de materiais caros para seus vestidos; belos padrões de algodão estão muito em evidência. O que realmente importa é que o corte do vestido seja de

bom gosto, e, com relação a isso, elas não ficam devendo nada para “as mulheres da cidade”, de quem também diferem muito pouco na forma de se comportar.

Nos Estados Unidos, a distinção entre o morador do interior e o da cidade, tão marcante em nosso velho mundo, desaparece quase completamente. Em vão, o imigrante tenta encontrar, no homem do interior, vestígios de uma conduta desajeitada e vulnerável — que muitas vezes distingue o nosso camponês honesto e pode muito bem ser resultado do pouco contato que os camponeses têm com as classes mais altas. O fazendeiro americano não conhece nenhuma classe que lhe seja superior, e seu sentimento de independência lhe confere uma desenvoltura comparável àquela que, em nossos círculos, manifesta o homem do mundo. Com as mulheres acontece exatamente o mesmo.

É muito interessante observar com que graça natural essas filhas do campo — que talvez nunca tenham saído do ambiente em que vivem — comportam-se em qualquer situação. A base dessa autoconfiança talvez seja o respeito dedicado à mulher branca nos Estados Unidos. Qualquer homem que se atreva a insultar a mais pobre e mais humilde delas tem de pagar uma pesada multa. Assim, é possível encontrar jovens e mulheres empreendendo longas viagens desacompanhadas e sem proteção. Elas encontram um protetor e um amigo em cada viajante.

Nos Estados Unidos, os jovens se casam muito cedo e, não raro, deparei-me com mães de quatorze ou quinze anos. Mesmo tão jovens, essas mulheres já contribuem para que suas famílias tenham o que precisam. Na verdade, são poucas as coisas que as pessoas do interior consideram necessárias, e essas são fáceis de encontrar. Essas pessoas não precisam de muito, e seus rebanhos e suas colheitas aumentam na mesma proporção que aumenta o número de seus filhos.

Contudo, as uniões entre as pessoas simples do interior nem sempre são motivadas pelos sentimentos. Infelizmente, o contrário ocorre com demasiada frequência. Eu mesmo conheço pessoalmente muitos exemplos disso. Na verdade, nas reuniões que mencionei anteriormente, onde dançam, constroem casas, costuram e cozinham, os jovens têm a oportunidade de se conhecer e frequentemente se apaixonam. Entretanto, ninguém questiona se o rapaz está realmente certo de suas intenções, e, com algumas vacas, alguns porcos, alguns acres de terra e, não raramente, alguns escravos, resolve-se a questão.

Sempre me pareceu muito interessante a maneira como os americanos “cortejam” e nunca vou esquecer a história de um jovem que escolheu uma esposa bem à moda americana: Heinze — ele era de origem alemã — trabalhara árdua e incansavelmente para tornar arável uma pequena área de terra; construíra uma boa casinha; espalhara alguns milhares de metros de cerca, garantindo, assim, um segundo campo; plantara um pequeno pomar de pêssegos e acumulara, para os padrões do Arkansas, uma quantidade impressionante de galinhas e leitões. Era natural, portanto, que os vizinhos estivessem certos de que ele já estava cansado de fazer todo o serviço sozinho e desejava se casar. Apesar de todas as zombarias de seus amigos, no entanto, Heinze afirmava que ainda não tinha certeza disso e que “tinha tempo para pensar sobre casamento”. No entanto, isso não era exatamente verdade. Certa manhã,

no meio da semana, Heinze começou, com zelo incomum, a engraxar suas botas de domingo e escovar seu casaco de lã azul com botões brilhantes.

Seu velho pai, que vivia na casa ao lado da sua, ficou intrigado. “Filho”, ele disse, “o que você tem? Por que está colocando sua roupa de domingo na quinta? Você não está pensando em cortejar alguém, está?” “Claro que não”, respondeu Heinze, enquanto escovava ainda mais vigorosamente o colarinho sujo do seu casaco. “Estou indo visitar os novos colonos para ver algumas vacas que talvez me interessem.” “Hm-m-m!” O velho balançou a cabeça enquanto o filho pegava a pele de urso que ficava sobre a sela, substituindo-a por uma pele de cordeiro delicadamente acobreada, utilizada somente em raras ocasiões. A suposição do pai transformou-se em certeza quando o filho, bem no meio da semana, começou a pentear o cabelo, mirando-se no pedaço de espelho que ele nunca utilizava — nem mesmo quando fazia a barba. Logo depois que terminou de se arrumar, saiu a trote com seu cavalo, assoviando.

A suspeita do velho homem tinha fundamento. Heinze não chegou nem perto das casas dos novos colonos. Na verdade, tomou a estrada que leva até o rio e, depois de uma cavalgada de cinco quilômetros, chegou à casa de um vizinho que tinha duas filhas muito bonitas e, além disso, uma respeitável propriedade. Heinze ainda não sabia ao certo qual das duas jovens gostaria de pedir em casamento, deixando a questão completamente ao acaso. Desmontou do cavalo, que começou a pastar calmamente, e entrou na casa.

Ainda era cedo e ele encontrou as duas jovens ocupadas com seus trabalhos domésticos; a mais velha estava fazendo manteiga e a caçula estava fiando, enquanto a mãe estava ao tear, fazendo com que a lançadeira se movesse ativamente para frente e para trás. Após a saudação amistosa, Heinze sentou-se virado para a lareira e começou a girar o chapéu entre os joelhos.

“O senhor já plantou o milho este ano, Sr. Heinze?” perguntou a mãe.

“Vou começar agora mesmo, senhora”, disse Heinze.

“A primavera este ano está bem seca.” “Muito seca.”

“Como vai seu pai?”

“Ele está bem, obrigado.”

“Não acha que vai chover hoje?”

A conversa cessou, e Heinze continuou torcendo o chapéu entre os dedos de uma forma verdadeiramente desumana. A filha mais velha tentou, algumas vezes, reiniciar a conversa, mas sempre em vão. Heinze respondia a tudo tão sucintamente quanto possível e retornava aos seus pensamentos. A hora do almoço finalmente se aproximou, a mesa foi colocada, e a refeição servida. O visitante se levantou, alisou o chapéu e disse “até logo!”

“O senhor não vai almoçar conosco, Sr. Heinze?” “Pode ser”, Heinze respondeu, retornando calmamente. Ele colocou o chapéu sob sua cadeira e serviu-se, sem demora, de bacon frito e de uma porção de batatas.

Depois da refeição, as mulheres limparam a mesa e voltaram novamente às suas ocupações, até chegar a noite. O provável pretendente continuava sentado em sua cadeira no mais absoluto silêncio, observando inquisitivamente, mas apenas com o canto dos olhos, ora

a filha mais velha, ora a filha mais nova. As jovens, que há muito já haviam percebido os olhares do pretendente, mal conseguiam conter o riso.

Finalmente seu pai voltou do campo, conduzindo algumas vacas. Ele entrou na sala, cumprimentou o visitante e se sentou ao lado dele. Heinze relaxou um pouco e ficou mais falante sem, contudo, entrar diretamente no assunto que o levava até ali. Ele aceitou o convite para a refeição da noite, não sem antes insistir que precisava alimentar e selar seu cavalo e que já estava mesmo na hora de ir para casa. Mas a escuridão e a tempestade ameaçadora que se aproximavam tornaram qualquer discussão inútil e, sem fazer mais cerimônia, Heinze levou a sela para dentro da casa e amarrou o cavalo firmemente a um comedior.

Assim que a tempestade passou, todos foram se deitar e também o pretendente logo estava estirado sob cobertores de lã. Toda a família, incluindo o convidado, dormiu no mesmo quarto. Na manhã seguinte, antes mesmo do amanhecer, as duas jovens se levantaram, prepararam o café, ordenharam as vacas e serviram o desjejum com pão de milho e bacon.

Heinze, por fim, ficou inquieto, as palavras para fazer o pedido da mão de uma das filhas estavam na ponta da sua língua, mas ele não conseguia proferi-las. O homem mais velho, a quem a mãe comunicara suas suspeitas, percebeu isso. Então, para poupar o pobre diabo de tal vergonha, ele levou Heinze até a porta e lá lhe disse que suas duas filhas já estavam prometidas e que ambas se casariam no domingo seguinte.

Heinze disse apenas — “Que interessante!” Ele pressionou o chapéu com força sobre a cabeça, apertou a mão do outro homem, pediu-lhe que trouxesse sua sela e, dez minutos depois, estava a caminho de casa.

Contudo, perdera um dia inteiro, durante a época do plantio ainda por cima, e, portanto, não devia voltar para casa sem ter cumprido sua missão. Assim, ao passar por outra pequena casa, na qual vivia uma moça jovem, mas muito pobre, entrou e resolveu a questão em uma hora e meia. Ele rapidamente conseguiu o consentimento dos pais e da filha, que conheciam sua reputação de homem trabalhador. Quatro horas mais tarde, já estava arando sua própria terra, fazendo sulcos para plantar o milho. Oito dias depois, levou sua noiva ao juiz de paz e saiu de lá como um homem casado.

Não importa quão pobre seja, o homem do interior jamais permitirá que sua esposa faça o trabalho duro. As ocupações das mulheres, na sua maioria, consistem em cozinhar, lavar, fiar e tecer. A pobre mulher desconhece totalmente os divertimentos habituais da cidade, como ser levada para dançar ocasionalmente. Muitas vezes, na verdade, só conhece as cidades pelo nome. Mas tudo o que deseja é ver sua família prosperar e seus próprios rebanhos crescerem e se multiplicarem a cada ano. Aos domingos, cavalga ao lado do marido em uma bela sela para senhoras (que ela mesma comprou, embora tenha precisado vender uma vaca para fazê-lo). Juntos vão ao culto, e ela aproveita esse momento também para visitar alguma amiga que não more longe.

O exemplo a seguir mostra quanta energia está, muitas vezes, adormecida no peito de uma dessas mulheres, energia que precisa apenas de uma faísca para acender-se: em abril de 1840, um jovem do Missouri, que estava participando de uma caçada com vários amigos,

descobriu uma mina de chumbo; evidentemente, uma mina muito rica. Ficava a cerca de oitenta quilômetros de sua própria fazenda e a sessenta quilômetros de qualquer outra fazenda habitada. Como estava sozinho ao encontrar a mina, decidiu não contar nada a seus companheiros sobre a descoberta, mas mudar-se para lá definitivamente com a esposa e os filhos. Ele esperava que, depois de garantir a terra de todas as maneiras possíveis, teria bons rendimentos com a produção da mina.

Depois de pensar a respeito, decidiu fazer exatamente isso. Na terceira manhã, tinha retornado à sua família. Ao não conseguir encontrar um comprador para suas terras imediatamente, decidiu abandonar sua pequena propriedade: colocou as ferramentas necessárias em um cavalo e sua esposa com as duas crianças pequenas em outro; colocou sua arma no ombro e, então, partiu em direção ao novo lar com o coração leve e cheio de esperanças felizes.

Porém, quando o filho mais novo, um bebê de nove meses, adoeceu e, com o chegar da noite, o céu se cobriu de nuvens, ele decidiu que não seria possível percorrer a distância toda em um único dia. Ele deu a volta e se dirigiu às margens de um pequeno riacho, onde antes ele avistara uma cabana abandonada. Mal haviam conseguido chegar ao abrigo, quando a chuva começou a cair vigorosamente, enquanto relâmpagos deslumbrantes atravessavam o firmamento e trovões ressoavam em terríveis explosões.

Não demorou para que a pequena família se instalasse e se preparasse para passar a noite. Arrumaram a cama e a colocaram em um canto e também desempacotaram os utensílios de cozinha que haviam trazido. Antes de fazer qualquer outra coisa, o homem acendeu um bom fogo e, mais tarde, quando a tempestade diminuiu um pouco, ele buscou algumas lenhas e empilhou-as dentro da cabana.

A cabana era uma dessas construções rústicas, nas quais os pioneiros do oeste passam toda a sua vida, deixando-a somente se for para trocá-la por uma ainda mais simples e mais isolada. O telhado era coberto por pedaços de madeira presos, por sua vez, por pesadas estacas. Protegiam da chuva satisfatoriamente e apenas aqui e ali algumas gotas conseguiam entrar na cabana pelas fendas apodrecidas da madeira. Havia tábuas pregadas às paredes que davam para o norte e o oeste. O piso também era feito de tábuas rústicas, nas quais grandes furos mostravam claramente que já haviam feito parte de um barco e foram, aparentemente, trazidas do Missouri, não muito longe dali. A chaminé caída emprestava um aspecto sombrio e selvagem ao todo, mas prometia, ainda que parcialmente, cumprir sua finalidade. Mesmo que houvesse mais fumaça do que seria confortável tolerar pairando pelo pequeno aposento, tratava-se de uma proteção bem-vinda contra a expressiva quantidade de mosquitos, que se levantava em inúmeros enxames do pântano próximo dali.

Cansados da viagem e dos esforços do dia, os viajantes foram dormir e, durante várias horas, um silêncio absoluto reinou na cabana, entrecortado apenas pela respiração dos adormecidos. De repente, o bebê acordou, começou a chorar e não havia o que o acalmasse.

“Você pode me trazer um copo com água?” Perguntou a mulher por fim. “O bebê quer beber algo e minha garganta também está totalmente seca.”

“Claro. Só espere um pouco até que eu reanime o fogo ou não serei capaz de encontrar a água nessa escuridão.”

Com essas palavras, ele se levantou e caminhou até a lareira. De repente, deu um grito e saltou para o canto oposto do quarto.

“Meu Deus! O que houve?” Perguntou a mulher assustada.

“Nada”, respondeu o homem, gemendo e respirando profundamente, “nada! apenas pisei em alguma coisa!”

“Eu mesma vou atear o fogo!” disse a esposa, levantando-se da cama.

“Não se mexa, pelo amor de Deus! Não saia daí!” o homem gritou ferozmente. “Não saia de onde você está até ver a luz do dia!”

“O que você tem? William, diga-me — eu imploro.” A pobre mulher estava quase morta de tanta ansiedade.

“Há serpentes no chão e eu pisei em uma delas.”

“Você foi picado?” Ela perguntou horrorizada.

“Eu acho que não. Uma saltou na minha direção, mas não me atingiu. Apenas fique aí, não se mexa e não deixe que as crianças saiam da cama!”

“Oh, meu Deus!” gemeu a pobre mulher, “se ao menos fosse dia, eu não sentiria tanto medo. E você fique onde está para que nada de mau lhe aconteça.”

“Sim, sim!” disse o homem, “não vou me mexer, apenas cuide das crianças para mim”.

Por um longo tempo, a esposa permaneceu acordada, ansiosa, prestando atenção ao menor movimento dentro da cabana, até que o cansaço tomou conta do seu corpo e, quando o pequeno se acalmou, ela voltou a dormir. Mas sonhos terríveis a afligiam e, de repente, com um grito assustado, ela acordou.

O sol já estava alto e entrava pelas frestas no interior da cabana, as crianças ainda dormiam ao seu lado, enquanto seu marido estava deitado imóvel, encostado na parede oposta, e ela não via nenhuma daquelas perigosas criaturas à sua volta. A chegada da manhã as expulsara. A mulher se levantou rapidamente, colocou um vestido e aproximou-se para despertar o pai de seus filhos. Mal tocou o ombro dele e pulou para trás com um grito de horror, o que assustou o bebê e ressoou de um lado a outro na cabana vazia. Deitado à sua frente, estava o cadáver do marido, frio e rígido, com os olhos abertos e vidrados e os membros inchados. Ela se debruçou sobre o corpo inerte e tentou de tudo para fazê-lo voltar à vida. Tudo em vão e, soluçando, ela se atirou novamente na cama, dando vazão à sua dor. As crianças, preocupadas com os soluços da mãe, geralmente tão alegre, juntaram-se a ela e choraram agarradas à sua protetora.

Isso lhe trouxe de volta a força e o ânimo, despertando nela uma coragem que, até então, não sabia que possuía. Com uma calma nascida do desespero, conversou serenamente com os filhos, deu-lhes algo para comer e se preparou para enterrar o marido. Entre as ferramentas que haviam trazido, havia várias pás e picaretas e, a alguns passos da cabana, perto do riacho murmurante, ela cavou o túmulo para o homem que amava.

Com uma força espantosa, carregou o corpo pesado até seu destino final, colocou-o no túmulo, atravessou algumas tábuas diretamente sobre o corpo, cruzou as mãos em uma

oração silenciosa e estava prestes a cobrir o túmulo quando a menina mais velha, uma criança de quatro anos, agarrou seu braço e implorou que não “jogasse terra no papai”. Nesse momento, a coragem abandonou-a e, soluçando muito, ela abraçou a filha com força e permitiu que toda a sua dor viesse à tona. Mas logo se controlou, pegou a filha nos braços, levou-a para dentro e retornou para acabar sua triste tarefa.

Precisava agora de toda a sua energia. Não podia ficar ali, mesmo que tivesse comida suficiente para alguns dias, não havia como superar o horror que aquele lugar despertava nela. Reuniu rapidamente todas as suas coisas, disposta a sair logo dali. Tudo que não era absolutamente necessário, ela deixou na cabana e fechou a porta. O resto, carregou para fora junto com comida suficiente para alguns dias; deixou o filho mais novo, por alguns minutos, aos cuidados da menina mais velha enquanto buscava a égua, que estava pastando a alguns metros dali. Selou o animal e prendeu em seu lombo a arma, a munição e a faca do marido. Certamente não viajaria sem armas por aquele território ermo e desconhecido.

Depois de muito esforço, finalmente conseguiu colocar tudo em seu devido lugar e, com a ajuda de uma árvore caída, montou e colocou as crianças sobre o animal, junto de si. A próxima dificuldade que precisava superar agora era encontrar a direção certa. Na viagem até ali, mal prestara atenção ao caminho e só lembrava vagamente de ter ouvido que o povoado ficava a noroeste.

Mas a hesitação não a ajudaria, e decidiu confiar na sagacidade da sua égua, esperando que ela encontrasse o caminho de volta para casa sem sua orientação. A égua, contudo, parecia satisfeita com a mudança de pastagem e não estava disposta a procurar novamente a grama escassa do seu território de origem. Toda vez que sentia as rédeas afrouxarem, voltava a pastar e nem ameaças nem gritos faziam com que se mexesse.

Novamente, a jovem desamparada viu-se à mercê de seus próprios recursos e começou a guiar o animal relutante em direção ao sudoeste, embora ela própria não tivesse certeza de estar na direção certa. Ela precisava seguir seu caminho lentamente, pois tinha de prestar atenção e impedir que algum galho saliente ou qualquer outro obstáculo arrancasse o rifle longo e pesado, ou as crianças, de cima do animal.

Perto do meio-dia, o céu, que até então estava limpo, cobriu-se de nuvens e a pobre mulher perdeu seu único guia, pois não era capaz de determinar a direção guiando-se pela vegetação. No entanto, procurou seguir o que lhe parecia ser o caminho certo. Quando chegou a noite, acampou com os filhos ao pé de uma pequena colina, às margens de um córrego. As crianças passaram a noite assustadas com o uivo dos lobos e o canto sinistro da coruja, que soava alto bem acima de onde estavam.

Mesmo que seu próprio coração estivesse batendo aterrorizado, acalmou seus filhos apavorados e colocou pólvora fresca na câmara do rifle. Foram dormir, mas ela acordava ao perceber o menor ruído na vegetação seca e sussurrante.

Na manhã seguinte, estava novamente pronta para viajar, mas o céu continuava nublado. O coração da pobre mãe batia com uma ansiedade ainda maior, ao pensar na imensidão erma que se estendia à sua frente e na qual estava perdida. Na segunda noite,

depois de alimentar as crianças, comeu as últimas migalhas de pão e, no terceiro dia, a fome voraz juntou-se a seus outros sofrimentos.

Ela avistara alguns veados no caminho, bem dentro do seu campo de ação, mas o medo de assustar a égua e colocar seus filhos em perigo impediu-a de usar a arma. No entanto, quando, na noite do terceiro dia, viu um bando de perus selvagens, descansando sob as árvores sem suspeitar de suas intenções, ela rapidamente parou e conseguiu matar um deles.

Ainda assim, uma noite inquieta esperava por ela. O bebê não parava de chorar, e os lobos, atraídos pelo som que tanto se parecia com o bramir de um cervo, reuniram-se, aos uivos, ao redor do fogo. Por fim, a viúva assustada não conseguia pensar em nada que pudesse ajudá-los, exceto carregar a arma e dispará-la para assustar os animais.

Assim, seria impossível descrever os sentimentos que tomaram conta de seu peito quando, não muito longe dali, um alto “olá” foi a resposta ao tiro que disparou. Com que alegria respondeu ao socorro que, liderado por sua voz, finalmente chegou até ela!

Pode-se imaginar a perplexidade do homem quando encontrou uma mulher pálida, enfraquecida e sozinha e, ainda por cima, com duas crianças indefesas no meio da mata. Ele não perdeu muito tempo fazendo perguntas, levando todos rapidamente para sua casa, não muito distante dali, onde sua esposa recebeu a pobre hóspede com afetuosa compaixão. O homem ouvira o tiro disparado mais cedo e também, em meio a rajadas de vento, pensava ter ouvido o choro de uma criança. Mas decidiu que, certamente, deveria se tratar dos grunhidos de uma pantera e não deu mais atenção ao primeiro tiro. Contudo, ficou intrigado com os uivos cada vez mais altos dos lobos e, quando se aproximava da porta de sua casa, ele ouviu o segundo tiro. Isso levou-o a pensar que talvez houvesse alguém perdido na mata, embora jamais tivesse lhe passado pela cabeça que se tratasse de uma mulher.

A casa do fazendeiro ficava a uns bons trinta quilômetros ao sul do destino pretendido por aquela pobre família. Mesmo assim, no dia seguinte, o homem preparou uma pequena carroça e levou a mulher e as crianças de volta à casa de seus parentes.

Até aquele instante, apesar de todo o sofrimento que enfrentara, a mulher havia controlado bravamente seu corpo com a força do seu espírito, mas agora a natureza reivindicava seus direitos, e um colapso nervoso deixou-a de cama por um mês.

Nesse meio tempo, alguns jovens se colocaram a caminho da cabana onde seu marido morrera para trazer de volta as coisas que ela havia deixado por lá. Um deles sabia onde ficava o lugar. Ao chegarem lá, decidiram vigiar a casa durante a noite e, se possível, matar as serpentes. Fizeram um fogo alto com nós de pinho e, mal havia passado uma hora após o pôr do sol, viram duas cascavéis enormes aparecerem e rastejarem, com suas línguas protrusas, em direção às chamas crepitantes. Quatro balas, disparadas simultaneamente, puseram fim à sua existência maligna e, como símbolo da vitória, elas foram penduradas sobre a sepultura do pobre pioneiro.